

Aeronaves made in Portugal



Antes de tomar esta iniciativa, o nosso entrevistado possuía já uma vasta experiência empresarial, com origens no setor dos mármore. O interesse que viria a desenvolver pela aeronáutica levou-o a sonhar com este projeto e à sua audaz concretização. Mediante contactos e estudos junto de jovens engenheiros nacionais, formados especificamente para o setor, a BRM avançou e surgiram as suas primeiras aeronaves.

O modelo com que inaugurou a sua atividade foi o Land Africa. Seguiram-se o Okavango, o Citius e o Argus. Opções com diferentes nuances e especificidades mas todas elas idealizadas de acordo com critérios similares. São aeronaves ultraleves do segmento STOL (Short Takeoff and Landing), que, por isso mesmo, apresentam uma navegação comparativamente mais fácil e permitem percursos fora do alcance das demais. Para além disso, como nos explica Manuel Vistas, as suas características mais relevantes são “a robustez, a segurança, a fiabilidade e a simplicidade”.

A afirmação internacional deu-se com naturalidade e a procura foi-se intensificando. O fundador refere que a BRM tem colocado aeronaves “em todas as partes do mundo”, exemplificando países como França (o mercado com maior peso no seu volume de vendas), Espanha, Itália, Polónia, Roménia, República da Irlanda, Estados Unidos da América, Canadá, Irão, Austrália e alguns países africanos. Portugal também representa alguma relevância, ao já ter absorvido cerca de 30 exemplares, dentro de um total de mais de 300 que a BRM já comercializou.

Apesar de os modelos da marca estarem devidamente certificados em alguns dos mercados mais avançados e exigentes, Manuel Vistas aponta esta matéria como sendo o principal condicionalismo que se coloca à BRM. “Se o nosso negócio dependesse apenas do número de interessados que vêm ter connosco, já seríamos uma empresa muito maior. Infelizmente, enquanto que há países onde as coisas funcionam de maneira simples, e basta apresentarmo-nos às respetivas autoridades, que elas fazem a sua avaliação e reconhecem-nos, existem

outros onde estes processos são muito burocráticos e desnecessariamente complicados”, explica, lamentando que este fator dificulte a entrada da BRM em mercados

dos quais provém uma forte procura. Fruto dessa mesma realidade e da resultante incerteza, o nosso entrevistado partilha que a empresa está, neste momento, numa fase de estudo relativamente aos projetos e investimentos que fará no futuro.

Foi há 15 anos que Manuel Vistas e Bartolomeu Ribeiro fundaram a BRM – Construções Aeronáuticas. Daí para cá, esta empresa já colocou mais de três centenas de aviões ultraleves em diversos mercados internacionais.

